

# Internacionalização da pesquisa brasileira em turismo: desafios e oportunidades

Sérgio Rodrigues LEAL<sup>1</sup>  
Luciana Araújo DE HOLANDA<sup>2</sup>  
Taynon Marlon DE SANTANA<sup>3</sup>

**Resumo:** O trabalho traça o panorama da pesquisa brasileira na área de turismo, no contexto do processo de internacionalização da produção científica em curso, visando identificar os desafios e as oportunidades encontrados pelos pesquisadores brasileiros. Para tanto, foram realizadas pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo, que contou com a participação de 12 pesquisadores de destaque da academia brasileira de turismo e áreas afins. Evidenciou-se que a maior preocupação dos respondentes é com o domínio de um idioma estrangeiro, sobretudo o inglês. Considerou-se importante, também, a qualidade dos artigos científicos publicados, bem como a existência de parcerias e investimentos direcionados aos pesquisadores. Sugere-se uma maior busca por esforços individuais de cada pesquisador (doutorado sanduíche, participações em eventos nacionais e internacionais relacionados à área, visitas tecnocientíficas, estabelecimento de relações profissionais entre brasileiros e estrangeiros, etc.). Com isso, grupos de pesquisa, projetos e parcerias começarão a se consolidar de maneira a projetar a produção científica brasileira a uma posição relevante para a academia mundial de turismo.

**Palavras-chave:** Produção científica. Internacionalização. Turismo.

## Introdução

Nas últimas décadas, tem-se assistido ao incremento da internacionalização do ensino superior, tanto no que se refere à mobilidade dos estudantes e professores quanto à colaboração internacional nos processos de pesquisa e difusão do conhecimento produzido. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, 1998) considera a dimensão internacional como critério de avaliação da qualidade da educação superior.

A universidade, por sua natureza de produtora de conhecimento, sempre teve a internacionalização da função pesquisa como norma. No entanto, foi a partir da década de 1990, com o processo de globalização, que a internacionalização veio se intensificando no panorama mundial (Morosini, 2006, p. 108).

A qualidade e quantidade de pesquisas acadêmicas publicadas pelas universidades contribui consideravelmente para seu reconhecimento internacional. O número de artigos publicados é uma maneira de se avaliar a produtividade de instituições e países e determinar quais devem ser considerados como líderes no campo (Park, Phillips, Canter & Abbott, 2011). O impacto da produção científica é, portanto, um dos critérios mais valorizados nos

---

<sup>1</sup> Ph.D. em Turismo pela Universidade de Surrey (Reino Unido). Professor do Departamento de Hotelaria e Turismo da Universidade Federal de Pernambuco e Vice Diretor Executivo da ABRATUR. Email: [sergio.rleal@ufpe.br](mailto:sergio.rleal@ufpe.br).

<sup>2</sup> Dra. em Administração. Professora do Departamento de Hotelaria e Turismo da Universidade Federal de Pernambuco. Email: [luciana.holanda@ufpe.br](mailto:luciana.holanda@ufpe.br).

<sup>3</sup> Graduando em Turismo pela Universidade Federal de Pernambuco. Email: [taynon\\_skimmer@hotmail.com](mailto:taynon_skimmer@hotmail.com).

*rankings* internacionais para medir a excelência de uma instituição. Vale ressaltar que, em diversos países, há críticas aos sistemas de avaliação que se baseiam no ranqueamento de instituições através do número de publicações. Tribe (2003), por exemplo, faz duras críticas ao sistema britânico RAE (*Reseach Assessment Exercise*). Para o autor, os pesquisadores do Reino Unido vem sendo influenciados pelo sistema nas suas escolhas acerca de onde publicar bem como do que publicar. No Brasil, o Sistema WebQualis, desenvolvido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), também é criticado por pesquisadores de diversas áreas. Rocha-e-Silva (2009), em editorial de periódico da área médica, escreveu uma carta aberta ao Presidente da Capes para apresentar sua total discordância sobre a limitação do número de periódicos no estrato A a 25%. Ainda assim, este é um critério amplamente utilizado internacionalmente.

O modelo de internacionalização implantado, historicamente, no Brasil está focado na pós-graduação, e não na universidade como um todo. Pela sua natureza de produtores e difusores de conhecimento científico, os programas de pós-graduação *stricto sensu* são avaliados, principalmente, pelo grau de internacionalização de suas pesquisas (Morosini, 2011).

No Brasil, a avaliação dos cursos de mestrado e doutorado é realizada pela Capes. No triênio 2004–2006, apenas 9,7% dos programas apresentaram inserção internacional via produção docente e discente (Morosini, 2011). Em 2010, esse percentual se elevou para 11,8% e em 2013 subiu para 12,2% (Capes, 2014). Estes dados revelam um baixo grau de internacionalização dos programas brasileiros.

No âmbito do turismo, a internacionalização da pesquisa vem sendo discutida pelos pesquisadores brasileiros há, pelo menos, cinco anos. A institucionalização desse debate ocorreu, em 2010, quando a Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (Anptur) elegeu a internacionalização como tema central de seu encontro anual e, em 2011, com a criação da Academia Internacional para o Desenvolvimento da Pesquisa em Turismo no Brasil (Abratur) (Moital, 2012). Esta entidade reúne pesquisadores brasileiros que buscam contato com a comunidade internacional e pesquisadores estrangeiros que se interessam pelo Brasil.

A produção científica brasileira em turismo vem progredindo em seu processo de inserção na academia internacional, com trabalhos de autores nacionais sendo publicados em idiomas estrangeiros, principalmente o espanhol e o inglês. O Brasil apresenta um importante crescimento da investigação em turismo, sendo líder no cenário latino-americano. Mas, não alcança projeção em relação a países da América do Norte e Ásia (Picazo-Peral, Moreno-Gil & León-González, 2012).

Os principais autores brasileiros ainda não são conhecidos pela comunidade acadêmica internacional e essa não está familiarizada com os principais temas pesquisados no país (Leal, 2012). Desta constatação, surge a necessidade de identificar as dificuldades encontradas pelos pesquisadores brasileiros e as oportunidades a serem aproveitadas para que a internacionalização da pesquisa brasileira em turismo se promova.

Nesse sentido, o presente estudo busca apresentar resultados preliminares a partir de questionamentos a especialistas brasileiros da área de turismo sobre tal processo. Para isso, seguiu-se o percurso metodológico apresentado a seguir.

### **Procedimentos metodológicos empregados**

A presente pesquisa possui um caráter exploratório, tendo em vista o pequeno número de trabalhos publicados sobre este tema no Brasil. Foram realizadas buscas na base de dados “Publicações de Turismo”, que reúne mais de 1700 livros e artigos de 30 periódicos científicos de turismo, bem como no banco de teses e dissertações da Capes, e nada foi encontrado. A pesquisa bibliográfica se baseou em trabalhos nacionais que abordam a internacionalização do ensino superior, dos programas de pós-graduação *stricto sensu* e da pesquisa científica em outras áreas e nos poucos trabalhos internacionais específicos da área de turismo.

Replicando o procedimento utilizado por Picazo-Peral, Moreno-Gil e León-González (2012), realizou-se uma pesquisa documental no banco de dados *online* da *Scimago Journal & Country Rank* (SJR), que reúne dados de 16.000 revistas científicas, indexadas pela Scopus de Elsevier, das diversas áreas do conhecimento e de diversos países. Selecionou-se os artigos da área “*Business, Management and Accounting*” e da categoria “*Tourism, Leisure and Hospitality Management*”, no período de 1996 a 2013. Também foi realizada pesquisa documental no relatório de avaliação dos Programas de Pós-graduação da Capes nos triênios 2010 e 2013.

Em seguida, realizou-se um levantamento *online* através da aplicação de questionários para o conjunto de pesquisadores brasileiros do turismo identificados por Leal (2012) como sendo os mais conhecidos na academia internacional de turismo. Dos 16 pesquisadores mais citados por pares internacionais, 14 foram contatados, posto que não foi possível identificar um deles e o outro é um dos autores desta pesquisa. Desse montante, 12 responderam o questionário disponibilizado através do serviço *Google Docs*, durante o mês de fevereiro de 2014.

O perfil demográfico dos respondentes é caracterizado por um equilíbrio entre mulheres (n=7) e homens (n=5), com faixa etária entre 31 e 40 anos (n=6), entre 41 e 50 anos (n=2), 51 e 60 anos (n=2) e mais de 60 anos (n=2). No que se refere à formação acadêmica, a área de turismo foi predominante (n=8), seguida de administração (n=1) e outras (n=3). Verificou-se que todos os pesquisadores possuem um alto nível de conhecimento, predominando a titulação de doutorado (n=5), pós-doutorado (n=3), livre docência (n=3) e mestrado (n=1). Em se tratando de vínculo institucional, os pesquisadores brasileiros são vinculados a oito Instituições de Ensino Superior (IES), sendo a maioria nacional (n=9), localizada na região sudeste (n=5), sul (n=3) e centro oeste (n=1), e apenas dois possuem vínculos com IES internacionais, como apresentado na tabela 1.

**Tabela 1: Instituições e número de participantes**

INSTITUIÇÃO	Nº DE PARTICIPANTES
Universidade de São Paulo (USP)	3
Universidade Anhembi Morumbi	2
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS)	1
Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB)	1
Universidade Federal do Paraná (UFPR)	1
Universidade de Brasília (UNB)	1
<i>Griffith University</i>	1
<i>James Cook University</i>	1
Nenhuma	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se que quase metade dos participantes é de universidades localizadas em São Paulo. O fato do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USP ter possuído uma linha de pesquisa em turismo e ter sido, por muitos anos, a única opção de mestrado e doutorado na área no país, justifica a grande quantidade de pesquisadores nesse Estado.

O perfil traçado no presente estudo assemelha-se com a caracterização da comunidade científica brasileira ativa, feita por Leite (2011), a partir de informações compiladas dos currículos Lattes de 51.080 pesquisadores brasileiros doutores e informações extraídas da base de dados Thomson/ISI. Os resultados revelaram um perfil jovem, com incorporação recente de mulheres, concentrado no sudeste e nas universidades públicas<sup>4</sup>.

### **Difusão internacional da pesquisa em turismo: situação atual**

Severt, Tesone, Bottorff e Carpenter (2009), visando identificar as instituições e áreas geográficas líderes na investigação turística, analisaram 11 periódicos científicos nas áreas de hospitalidade e turismo, no período de 1992 a 2006. Este estudo apresentou os 100 cursos melhor avaliados e constatou o domínio de autores de língua inglesa, sendo apenas 1,1% dos artigos analisados de autoria de pesquisadores latino-americanos. Chamou atenção o crescimento do número de artigos produzidos na Ásia, que correspondia a 6% no período de 1992 a 2001 e passou a 15% entre 2002 e 2006.

Park, Phillips, Canter e Abbott (2011) realizaram estudo similar em seis publicações de hospitalidade e turismo com maior reconhecimento em nível mundial. Dentre os 100 países que contribuíram mais ativamente para o desenvolvimento do conhecimento destas áreas, o Brasil se encontra em 30º lugar, conforme tabela 2 a seguir.

---

<sup>4</sup> Ressalta-se que as análises elaboradas pela autora correspondem a um retrato estático da comunidade de pesquisa brasileira em 2005.

**Tabela 2: Países produtores de conhecimento em turismo e hospitalidade**

<i>Ranking</i>	País	Pontuação
1	Estados Unidos	1,115.77
2	Reino Unido	329.85
3	Austrália	273.03
4	Hong Kong	175.63
5	Espanha	134.42
6	Taiwan	106.25
7	Canadá	94.15
8	Coréia do Sul	82.57
9	Nova Zelândia	80.23
10	Turquia	64.75
11	Israel	54.26
12	Noruega	27.75
13	Holanda	25.08
14	Singapura	23.75
15	China	23.03
16	Áustria	19.43
17	França	17.53
18	Grécia	16.25
19	Suíça	14.15
20	Dinamarca	13.33
21	Suécia	12.90
22	Alemanha	12.86
23	Itália	11.26
24	África do Sul	10.34
25	Portugal	7.67
26	Japão	7.50
27	Finlândia	7.00
28	Tailândia	6.83
29	Eslovênia	5.50
30	Brasil	4.92

Fonte: Park, Phillips, Canter e Abbott (2011, p. 414)

De modo análogo, Picazo-Peral, Moreno-Gil e León-González (2012) analisaram 31 revistas da área de turismo, sendo 15 internacionais de língua inglesa, seis espanholas, sete brasileiras e três latino-americanas, no período de 2006 a 2011. Os autores verificaram que as publicações brasileiras em revistas internacionais de língua inglesa é incipiente, representando menos de 1% da produção científica brasileira total, sendo 78,5% centrada em revistas nacionais. A partir de 2008, ano em que ocorreu a incorporação de novas publicações especializadas, registrou-se um aumento das publicações brasileiras. Em 2009, houve um significativo incremento de publicações brasileiras em revistas latino-americanas, e em 2011, em revistas espanholas.

A pesquisa documental realizada na base de dados *Scimago Journal & Country Rank (SJR)*, na área de “*Business, Management and Accounting*” e categoria “*Tourism, Leisure and Hospitality Management*”, no período de 1996 a 2013, revelou que o Brasil ocupa a 33ª posição no *ranking* (tabela 3) dos 146 países líderes de produção científica na área de hospitalidade e turismo, tendo apenas 81 documentos publicados em quase duas décadas.

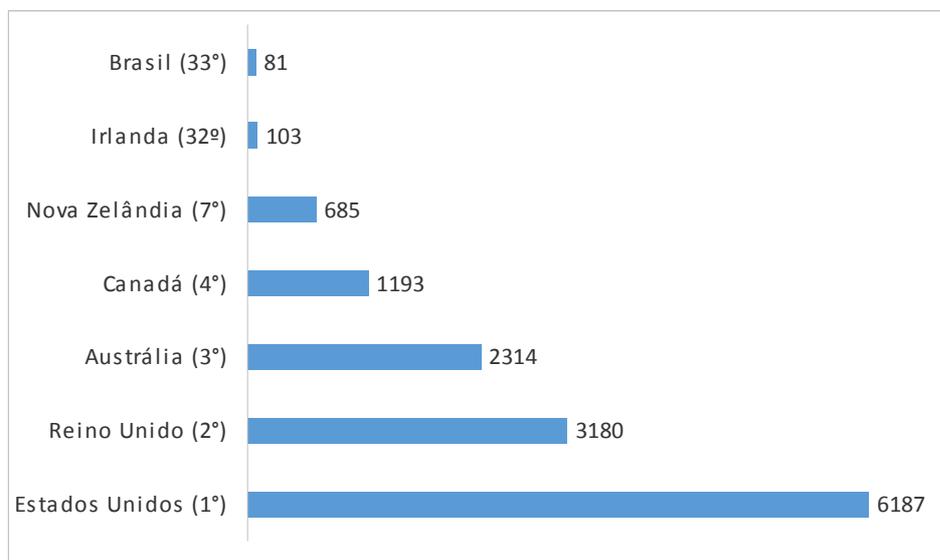
**Tabela 3: Países produtores de conhecimento em turismo e hospitalidade (1996-2013)**

<i>Ranking</i>	País	Nº de publicações
1	Estados Unidos	6187
2	Reino Unido	3180
3	Austrália	2314
4	Canadá	1193
5	China	961
6	Hong Kong	776
7	Nova Zelândia	685
8	Espanha	678
9	Taiwan	667
10	Coréia do Sul	527
11	Holanda	364
12	França	354
13	Itália	325
14	Turquia	323
15	Suécia	306
16	Alemanha	282
17	Noruega	275
18	Grécia	251
19	Israel	229
20	Portugal	196
21	África do Sul	184
22	Finlândia	175
23	Malásia	168
24	Dinamarca	165
25	Índia	161
26	Suíça	154
27	Singapura	153
28	Áustria	152
29	Japão	138
30	Tailândia	112
31	Bélgica	107
32	Irlanda	103
33	Brasil	81

Fonte: Dados da pesquisa

Os quatro países melhor colocados nesse *ranking* são de língua inglesa. O gráfico 1 mostra o comparativo do Brasil em relação aos países cujo idioma materno é o inglês.

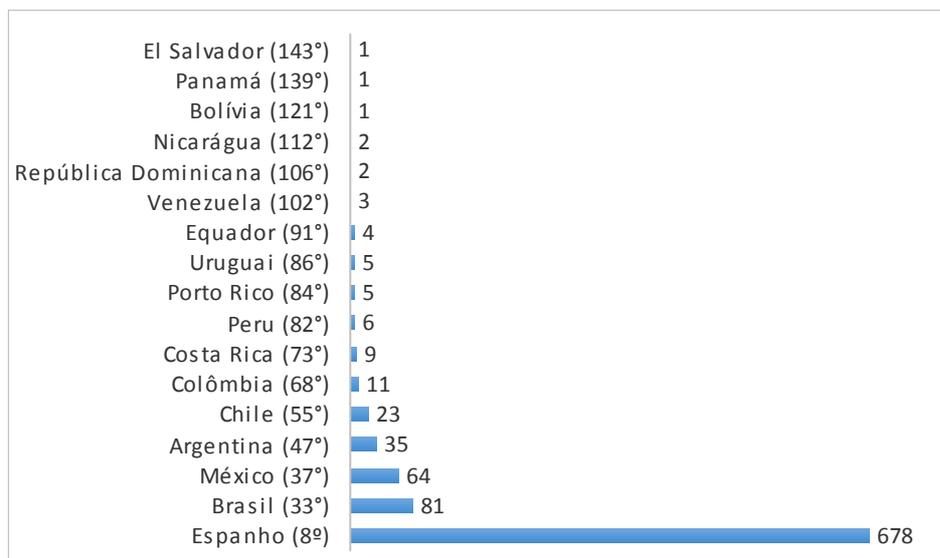
**Gráfico 1: Desempenho do Brasil em relação aos países de língua inglesa**



Fonte: Dados da pesquisa

Dentre os países de língua hispânica, o Brasil só fica atrás da Espanha e se destaca com a melhor posição no *ranking* dos países latino-americanos, de acordo com o gráfico 2.

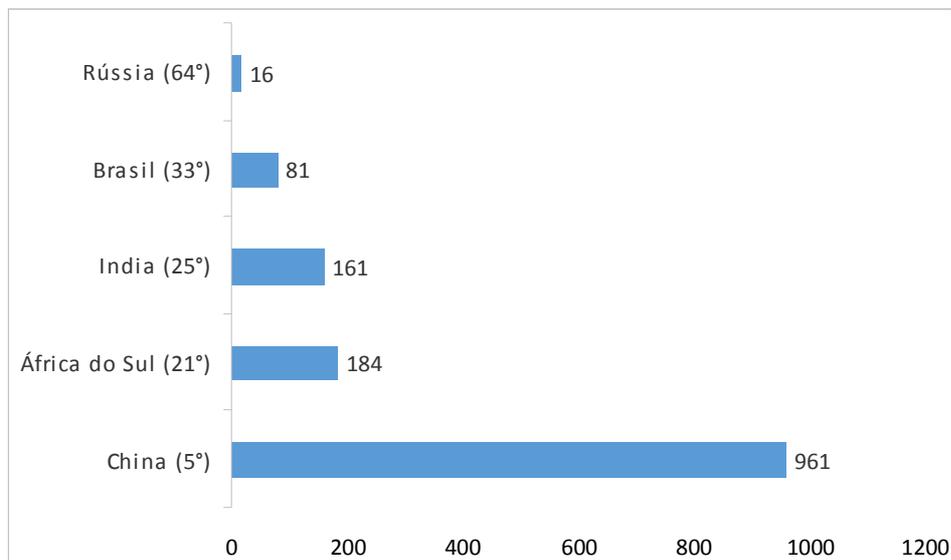
**Gráfico 2: Desempenho do Brasil em relação aos países de língua espanhola**



Fonte: Dados da pesquisa

Dentre as cinco nações emergentes que compõem os BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), o Brasil ocupa a penúltima posição, como mostra o gráfico 3.

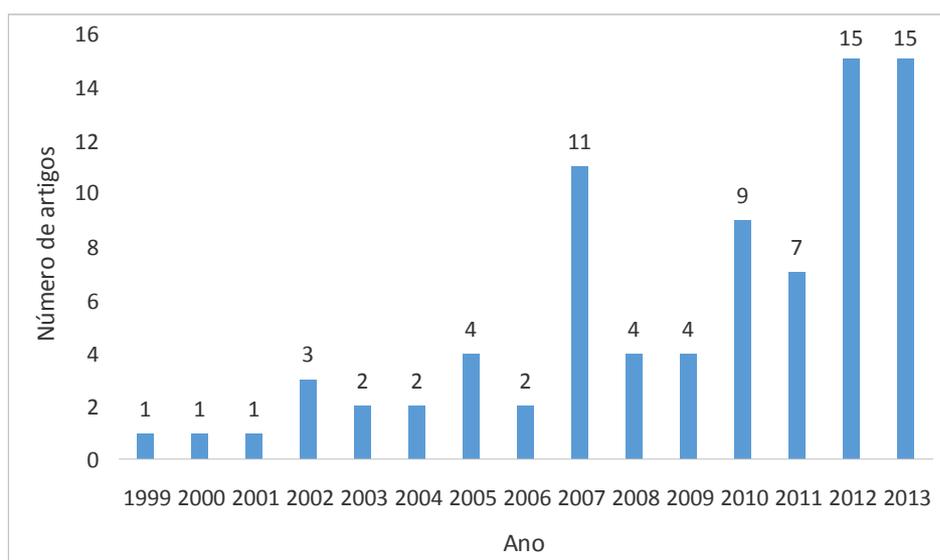
**Gráfico 3: Desempenho do Brasil nos BRICS**



Fonte: Dados da pesquisa

O primeiro trabalho brasileiro publicado em periódico internacional de turismo, no período compreendido de 1996 a 2013, foi em 1999. Entre 1999 e 2006, a média de publicação foi de dois artigos por ano. O ano de 2007 marca o salto significativo da internacionalização da produção brasileira, que atingiu seu ápice em 2012, conforme mostra o gráfico 4 a seguir.

**Gráfico 4: Evolução da publicação brasileira em periódicos internacionais**



Fonte: Dados da pesquisa

Esse incremento das publicações brasileiras em turismo reflete o panorama nacional, cuja produtividade iniciou aumento consistente em período mais recente (2001-2004), de acordo com Leite (2011).

## **Desafios para a internacionalização da pesquisa brasileira em turismo**

Para internacionalizar sua pesquisa, os 12 pesquisadores brasileiros de destaque na academia internacional de turismo (Leal, 2012) adotaram como estratégia a publicação em periódicos internacionais (n=10), a participação em eventos internacionais (n=10) e a publicação em livros internacionais (n=9), dentre outras (n=5).

Um dos participantes destacou a necessidade de parcerias entre pesquisadores de diferente nacionalidades e não apenas a inserção dos brasileiros no exterior. Em suas palavras:

A internacionalização da pesquisa nacional em turismo deve ir além do participar de eventos internacionais para formar redes e apresentar trabalhos, de publicar artigos e livros/capítulos de livros no exterior, deve ser desenvolvida e fortalecida através de pesquisas e publicações conjuntas entre brasileiros e estrangeiros, seja no exterior ou no Brasil, de participação conjunta de pesquisadores de vários países em projetos/grupos de pesquisa, dos mais diversos tipos de interação que permitam desenvolvimento conjunto do saber relacionado ao turismo (Pesquisador 1).

A grande maioria dos respondentes participa de eventos internacionais na área de turismo e hospitalidade com a frequência de uma ou duas vezes por ano (n=9), havendo aqueles que participam entre três e quatro vezes por ano (n=2) e apenas um que não frequenta anualmente. Ou seja, os pesquisadores de destaque na academia internacional são assíduos em eventos internacionais, o que lhes possibilita contato com pares de outros países e formação de *network*.

O maior desafio para que a pesquisa brasileira em turismo se projete internacionalmente, na visão dos respondentes, é a barreira do idioma (n=5). O registro quase que imperativo da ciência na língua inglesa se torna uma desvantagem em potencial para pesquisadores não-nativos do idioma inglês. A competência linguística do pesquisador lhe confere uma vantagem no cenário competitivo da produção científica (Vasconcelos, 2008). Como coloca uma participante:

A comunicação me parece um grande entrave para nossa internacionalização, o domínio do inglês, a fluência e a segurança no idioma podem travar grandes pesquisadores que se apresentam somente em eventos onde o português é aceito (Pesquisadora 8).

Quando questionados sobre os idiomas que devem ser priorizados para a divulgação da pesquisa, o inglês obteve unanimidade (n= 12), em segundo lugar veio o espanhol (n=5), seguido do português (n=2). O resultado demonstra a predominância da língua inglesa na academia, bem como sua significância global.

A superficialidade da pesquisa brasileira em turismo também foi apontada como desafio a ser superado (n=3). Essa superficialidade é decorrente da baixa qualidade de muitos cursos de turismo no país, bem como à falta de inovação na pesquisa (Holanda,

Widmer & Leal, 2014), caracterizada pela reprodução do que vem sendo feito há anos sem que se haja um salto de qualidade.

A dificuldade de acesso às principais publicações internacionais também foi apontada como entrave (n=1), além da falta de estímulos das instituições (n=1). A opção “Outros” teve duas respostas. Chamou atenção o fato da falta de recursos financeiros não ter sido considerada um fator que influi fortemente no processo de internacionalização. Mas, como disse uma das respondentes:

Eu não esperei que ninguém me ajudasse a fazer parcerias. Eu corri atrás. Eu mesma busquei pelos parceiros e não precisei de apoio de nada nem ninguém. A internacionalização da pesquisa ainda depende de esforços individuais dos pesquisadores e da relação pessoal dos mesmos (Pesquisadora 5).

Moital (2012) analisou 28 artigos científicos de autoria ou co-autoria de pesquisadores de turismo afiliados a instituições brasileiras, publicados em periódicos de turismo de língua Inglesa, no período de 2000 a 2001. Verificou-se que a publicação em periódicos de língua inglesa está ainda bastante dependente da colaboração com autores estrangeiros ou de pesquisadores brasileiros que estudaram no exterior. Merece destaque o equilíbrio entre autores vinculados a instituições públicas e privadas, embora, tradicionalmente, a pesquisa tenda a ser mais apoiada nas universidades públicas.

### **Oportunidades para a internacionalização da pesquisa brasileira em turismo**

Para Morosini (2011), a educação superior vem passando por um rápido processo de expansão. Neste contexto, segundo a autora, a cooperação internacional surge como um instrumento para o desenvolvimento dos países. Assim, a criação de parcerias entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros ganha destaque nas discussões sobre oportunidades para a internacionalização da pesquisa brasileira em turismo.

De acordo com os respondentes, o continente cujas parcerias dariam maior retorno para o Brasil é o Europeu (n=9). Em segundo lugar, está a América do Norte (n=7), seguida da América Latina (n=5), Oceania (n=4), Ásia (n=3) e África (n=2). Um dos respondentes justificou a sua preferência por parcerias com a América Latina da seguinte forma:

Entendo que temos características em comum com AL [América Latina] portanto é necessário começarmos estreitando laços com os vizinhos [...]. Entendo que é importante trabalhar com a Europa mas selecionar muito bem os parceiros (Pesquisador 4).

A percepção dos respondentes reflete a produtividade científica em turismo, como mostra a tabela 2 adiante, fruto do trabalho realizado por Severt, Tesone, Bottorff e Carpenter (2009), nos 11 principais periódicos de turismo e hospitalidade, no período de 2002 a 2006.

**Tabela 2: Regiões que mais publicam em periódicos na área de turismo e hospitalidade**

Região	Nº de artigos	%
Estados Unidos	1027	47.02
Europa	520	23.81
Ásia	324	14.84
Austrália	214	9.80
Oriente Médio	40	1.83
África	35	1.60
América Latina	16	0.73
América do Sul	8	0.37

Fonte: Adaptado de Severt, Tesone, Bottorff e Carpenter (2009, p. 464)

Cada continente, com suas particularidades e importância, possui realidades diferentes na esfera da pesquisa na área do turismo. Os países que falam idiomas anglo-saxônicos podem contribuir mais fortemente com o Brasil, dado que lideram a produção científica nas mais diversas áreas, inclusive no segmento do turismo. De fato, a América do Norte e a Europa são os principais alvos, sendo importante, também, estreitar laços com países da América Latina, tais como: Chile, Colômbia, México e Argentina, que possuem universidades que estão entre as mais bem conceituadas na comunidade internacional. Considerar o amplo conhecimento advindo da Ásia e Oceania também se faz relevante.

Com a internacionalização em franco desenvolvimento, novas oportunidades surgem, refletoras de arranjos socioeconômicos mundiais. Da predominância das relações sul-norte, passa-se a conviver com a tendência de relações sul-sul. Embora seja relevante a internacionalização sul-norte, pelo conhecimento acumulado nos países desenvolvidos, a internacionalização sul-sul pode acarretar o fortalecimento de países em desenvolvimento (Morosini, 2011).

Não obstante o predomínio do modelo de Cooperação Internacional Tradicional (CIT), fundamentado na competitividade e na ocupação de espaço no mercado globalizado, assiste-se, em paralelo, a ações para um incremento da cooperação sul-sul que caracterizaria o modelo emergente de Cooperação Internacional Horizontal (CIH), fundamentado na consciência internacional e no fortalecimento da capacidade científica endógena dos parceiros mais fragilizados, configurando uma tendência a partir de 2003 (Morosini, 2011).

### **Considerações finais**

É importante ressaltar que o processo de internacionalização decorre de interesses políticos e econômicos e possui dupla face (Morosini, 2011). O modelo subalternizado de inserção internacional, proposto pelo Banco Mundial, na década de 1990, atribuía aos países periféricos o ensino operacional, enquanto cabia aos países centrais responder pela produção em ciência, tecnologia e inovação (Speller, Robl & Meneghel, 2012).

No cenário emergente, caracterizado por novos arranjos socioeconômicos mundiais, cabe a cada país decidir como se posicionará diante da sociedade global cuja economia está,

cada vez mais, atrelada à produção e ao emprego de conhecimento. As relações entre os países e IES membros de acordos de cooperação internacional podem se caracterizar tanto por colonialismo, quanto pela troca e produção coletiva visando o desenvolvimento econômico-social de todos os envolvidos.

O baixo grau de internacionalização da produção científica dos países em desenvolvimento não advém, exclusivamente, de falhas técnicas dos pesquisadores. Mas, resulta de circunstâncias da conjuntura histórica. A internacionalização da pesquisa não deriva unicamente da vontade ou dedicação individual do pesquisador. Estudos e reflexões mais profundas e globais apontam que esse processo depende de múltiplas variáveis.

Segundo Vasconcelos (2008), inúmeras variáveis – pessoais, institucionais, sociais, históricas, estruturais – podem influenciar o processo de publicações científicas de países, grupos de pesquisa e de indivíduos. Referindo-se especificamente à pesquisa em turismo, Tribe (2006) aponta para a existência de um campo de força do conhecimento que limita a produção do conhecimento em turismo a apenas uma pequena parcela da totalidade do fenômeno turístico. Fatores como características pessoais, ideologias, normas e regras bem com a posição do pesquisador em sua instituição e na comunidade acadêmica o fazem definir o que será investigado e como os resultados serão divulgados.

Leite (2011) aponta o tempo de titulação, a grande área na qual a pesquisa está inserida, a região ou a categoria administrativa da instituição de vínculo do pesquisador como fatores influenciadores da internacionalização. Em seu estudo, a autora concluiu que estar vinculado a Universidades Públicas do Sudeste brasileiro e em Áreas Científico-Tecnológicas influenciam positivamente na produtividade e na internacionalização dos pesquisadores.

Dentro deste complexo contexto, insere-se a competência linguística do cientista, especialmente a habilidade na escrita em língua inglesa. Tal habilidade, hoje, é fundamental para sua tarefa de pesquisador e está correlacionada a desempenho e visibilidade dos pesquisadores brasileiros (Vasconcelos, 2008).

Além do pré-requisito do inglês para a inserção internacional da pesquisa, o pesquisador precisa conhecer as noções de originalidade textual pré-definidas pela comunidade científica anglofônica, especialmente a norte-americana. Como tais noções estão incorporadas na cultura destes países, os pesquisadores nativos possuem uma vantagem competitiva em relação aos demais (Vasconcelos, 2008).

O Brasil tem muito a aprender com os países asiáticos que, apesar de apresentarem um cenário cultural e linguisticamente desfavorável, vêm se destacando no panorama internacional.

Espera-se que este trabalho suscite discussões e estimule os pesquisadores brasileiros a se posicionar de forma ativa e autônoma no processo de internacionalização da pesquisa em turismo.

## Referências

- Holanda, L. A.; Widmer, G. M. & Leal, S. R. (2014). A produção científica em turismo no Brasil: reflexões e proposições a partir de um estudo revisional. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, 4 (1), p. 72-79.
- Leal, S. R. (2012). Internacionalização da pesquisa brasileira em turismo. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, Portugal, 1(17/18), p. 529-539.
- Leite, P. (2011). Produtividade, Internacionalização e Visibilidade da Comunidade Científica Brasileira na Virada do Milênio. Tese de doutorado. Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Morosini, M. C. (2011). Internacionalização na produção de conhecimento em IES Brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. *Educação em Revista*, 27 (1), p. 93-112.
- Morosini, M. C. (2006). Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. *Educar*, 28, p.107-124.
- Moital, M. (2012). Produção científica em Turismo em periódicos de língua inglesa por parte de autores afiliados a instituições brasileiras. *Anais do Congresso Latino-Americano de Investigação Turística* São Paulo, Brasil, 5.
- Park, K.; Phillips, W. J.; Canter, D. & Abbott, J. (2011). Hospitality and Tourism Research Rankings by Author, University, and Country using Six Major Journals: The First Decade of the New Millennium. *Journal of Hospitality and Tourism Research*. 35 (3), p. 381-416.
- Picazo-Peral, P.; Moreno-Gil, S. & León-González, C. J. (2012). Difusión de la investigación científica de turismo en Brasil. *Cultur - Revista de Cultura e Turismo*, 6 (4), p. 4-36, 2012.
- Rocha-e-Silva, M. (2009). Editorial – O novo Qualis, que não tem nada a ver com a ciência do Brasil. Carta aberta ao presidente da Capes. *Clinics*, 64 (8), p. 721-724.
- Severt, D. E.; Tesone, D. V.; Bottorff; T. J. & Carpenter, M. L. A World Ranking of the Top 100 Hospitality and Tourism Programs. *Journal of Hospitality and Tourism Research*, 2009, 33 (4), p. 451-470.
- Speller, P.; Robl, F. & Meneghel, S. M. (Orgs). *Desafios e perspectivas da educação superior brasileira para a próxima década 2011-2020*. Brasília: UNESCO, CNE, MEC, 2012.
- Tribe, J. (2003). The RAE-ification of tourism research in the UK. *The International Journal of Tourism Research*, 5 (3), p. 225-234.
- Tribe, J. (2006). The truth about tourism. *Annals of Tourism Research*, 33 (2), p. 360-381.
- Unesco. *Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação*. Paris: UNESCO, 1998.
- Vasconcelos, S. M. R. (2008). *Ciência no Brasil: Uma Abordagem Cienciométrica e Lingüística*. Tese de Doutorado, Instituto de Bioquímica Médica - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.